

# O MENINO E A CANETA MÁGICA

O MENINO E A CANETA MÁGICA – Eduardo V. Machado

## FICHA CATALOGRÁFICA

**MACHADO, Eduardo Vieira**

*O Menino e a Caneta Mágica*

**Rio de Janeiro: Editora Livrorama Ltda., 2017.**

**1.Literatura Infanto-Juvenil – Conto**

**Fundação BIBLIOTECA NACIONAL**

**Folha: 374, Livro: 104, Registro Nº 81.393**

O MENINO E A CANETA MÁGICA – Eduardo V. Machado

# O MENINO E A CANETA MÁGICA

**Eduardo Vieira Machado**

1.<sup>a</sup> Edição

Rio de Janeiro  
Editora Livrorama  
Ano 2017

# O MENINO E A CANETA MÁGICA – Eduardo V. Machado

## **DEDICATÓRIA**

**Dedico este livro a meus sobrinhos Daniel, Rebeca, Christinny e Clara, para que possam viver sua infância e adolescência, cheia de poesia e pureza de coração e que através deste conto mágico e épico, naveguem pelo mundo da coragem e da fé em Deus que exige a vida que estão a viver.**

# O MENINO E A CANETA MÁGICA – Eduardo V. Machado

## **AGRADECIMENTOS**

**Minha imensa gratidão a Deus em primeiro lugar que me dotou de inspiração para desenvolver este conto que espero se tornar uma recreação poética para crianças de todas as idades; e, também à minha querida esposa Eunice, fonte de minha alegria como escritor.**

# O MENINO E A CANETA MÁGICA – Eduardo V. Machado



## ÍNDICE

<b>CAPÍTULO</b>	<b>Pág</b>
<b>1. Um Nome Diferente</b>	<b>11</b>
<b>2. O Caixeiro Viajante</b>	<b>14</b>
<b>3. O Menino, O Mascate E A Mula Maricota</b>	<b>20</b>
<b>4. A Caneta Mágica</b>	<b>23</b>
<b>5. O Primeiro Desafio: Coragem e Solidariedade</b>	<b>34</b>
<b>6. O Segundo Desafio: Cor.agem e Amor</b>	<b>37</b>
<b>7. O Terceiro Desafio: Coragem e Renúncia</b>	<b>50</b>
<b>8. O Vale do Arco-Íris e o Pássaro Dourado</b>	<b>54</b>



## CAPÍTULO I

### Um Nome Diferente

Existiu em um povoado muito distante, longe da cidade grande, numa pequena vila chamada ESPERANÇA, um menino muito infeliz e pobre. Seu nome era bastante... digamos, peculiar... LEOCICLETO. Era difícil para ele aceitar o seu nome, já que todos os coleguinhas de escola o ridicularizavam por causa dele. Leocicleto era órfão de pai, um ferreiro de porte atarracado e de barba espessa que incomodava muito o menino quando era beijado na face.

Era muito conhecido e querido no povoado, mas por uma terrível fatalidade veio a falecer ainda bem jovem, em seus quarenta e cinco anos de idade. Leocicleto era filho único, mas apesar de todas as atenções dos pais, era muito introvertido. Apesar das diferenças, seu pai e ele tinham algo em comum, o nome.

- ACRILINO, às suas ordens, senhor!!! Respondia aos seus clientes.

No entanto, embora soasse estranho, ele não parecia sentir-se pouco a vontade quando se dirigia

aos seus fregueses. Para ele, o seu nome era bem comum. Sentia-se honrado com esse nome, pois na roça não tem essa besteira de ter nome bonitinho, ninguém ligava para isso. Cresceu entre pessoas simples, mas honestas e dignas que se faziam valer pelo que eram e não pela beleza de seus nomes tais como Cristiano, Marcelo, Henrique, Dênis etc. Esses nomes procediam da cidade grande, de gente grã-fina, metida a “besta”. Era assim como ele pensava. Gostava de seu nome, principalmente do contraste que fazia com sua personalidade, Acrilino lembrava o acre, amargo, no entanto, ele era uma pessoa amável e doce. Por isso, só tinha bons amigos.

Ainda assim, não era fácil para o pequeno Leocicleto aceitar o seu nome, por mais que seu pai tentasse enfiar essa ideia na cabeça dele. Todos os seus coleguinhas tinham um nome legal, como Bonifácio, Nilton etc., por que só ele tinha que ter um nome diferente? Seu pai devia estar de miolo mole quando lhe deu esse nome e com febre e enxaqueca a sua mãe. Mas Leocicleto jurara pra si mesmo que quando crescesse iria mudar o seu nome.

Quando seu pai morreu, o rapaz já tinha uns doze anos. Pouco saía de casa para brincar com as

outras crianças para jogar um futebol, soltar uma pipa ou participar de qualquer que fosse a brincadeira. Tornara-se arredio, rebelde e emburrado às vezes para atender as ordens de sua mãe em casa. Nas vezes que saía para a rua e ficava a brincar, morria de vergonha quando sua mãe o chamava de repente, arrojando-se para fora da janela:

- LEOCICLETO, venha cá! – gritava a Dona Ernestina.

O rapaz não sabia onde enfiar a cabeça, a vizinhança caía na gargalhada. Pobre criatura, era muito ignorante, não entendia certas coisas. Poderia minimizar o sofrimento do menino, chamando-o por um diminutivo qualquer, como “Leo”, mas não, era LEOCICLETO mesmo, escancarado, em bom e alto e alto som! Os passantes pensavam em voz alta:

- Iche! O porco de alguém fugiu do cercado!

- É mesmo, companheiro e que infeliz de porco, sô, com esse nome!

O pobre Leocicleto entrava em casa de cabeça baixa e não saía de lá, para qualquer brincadeira, pelo menos por um mês.

## CAPÍTULO II

### O Caixeiro Viajante

Seu José, o padeiro, era o único que conhecia a triste estória do menino, que todos os dias o procurava bem cedo antes dos outros para comprar pão e leite. Uma boa parte dessa estória, consegui com esse homem que se tornou muito achegado da família.

Leocicleto era um menino humilde e de bom coração, amava sua mãe, mas tinha uma bronca com seu pai. Na verdade, bem lá no íntimo o amava, tinha boas lembranças dele, de quando iam pescar no rio que cortava uma vasta planície, não muito distante do povoado. Aprendera a lançar o anzol como um bom pescador e a surpreender o seu velho e calejado pai com bonitas trutas e robalos a despeito da perícia do velho lobo do mar.

Seu Acrilino fora marinheiro, lutara na primeira guerra e sobrevivera a um naufrágio numa pequena ilha no oceano Atlântico. Leocicleto sabia muito bem as condições mais propícias para uma boa pescaria graças ao seu velho e experiente pai, mas respeitavam a época da desova quando

miríades de peixes pulavam na desembocadura do rio.

Tudo isso aprendera com seu pai e muitas outras lições de vida que faziam do menino um rapaz disciplinado e trabalhador. Na escola, porém, Leocicleto, embora fosse um menino inteligente, não conseguia tirar boas notas. Sentia-se complexado pelo seu nome tão “feio”. A professora, Dona Henriqueta, já uma senhora de meia idade, era uma mulher ranzinza e indelicada. Não admitia indisciplina em hipótese alguma. Era uma pessoa muito insensível e como achasse que Leocicleto não tirasse boas notas por causa de preguiça, não perdia uma oportunidade para bulir com o rapaz, chamando-o pelo nome completo sempre em voz alta, quando este lhe parecia não estar prestando atenção à aula.

- Leocicleto! Mais atenção à aula! – gritava ela.

As demais crianças riam às suas custas, com exceção de uma menina que o achava simpático. Algumas vezes trocavam olhares furtivos, enamorados. Seu nome era Isabela. Seu único amigo na sala era o Luís, ou “Balão”. Chamavam-no assim por ele ser gordo. O Balão sentava-se bem atrás dele